

**Freio.** Classe AB se destacou em meio à crise e cresceu 2% em relação a dezembro de 2008

# Classe média deixa de crescer pela primeira vez em 6 anos

No final do ano passado, classe C significava 53,58% da população

■ RIO DE JANEIRO. A crise econômica breiou o avanço contínuo que a classe média vinha registrando desde 2004, revela estudo divulgado ontem pela Fundação Getúlio Vargas (FGV) baseado na Pesquisa Mensal de Emprego, que avalia dados das seis principais

regiões metropolitanas do país – São Paulo, Rio, Belo Horizonte, Salvador, Recife e Porto Alegre.

Em dezembro do ano passado, a chamada classe C – famílias com renda de R\$ 1.115 a R\$ 4.807 – significava 53,58% do total, ante proporção de 53,81% em igual mês em 2008, nível recorde verificado até hoje.

O coordenador do Centro de Políticas Sociais da FGV, Marcelo Neri, ressal-

tou que, apesar da pequena redução da classe média, o dado positivo é que a mesma já voltou a crescer.

Em dezembro de 2003, a classe C representava 42,99% do total da população, e desde então, o crescimento era contínuo. Em 2009, no entanto, apresentou retração de 0,4%. “A crise impediu que a classe média crescesse mais. 2009 não foi o ano da classe C. Ela se estabilizou, mas está voltando a crescer”, afir-

mou Neri.

Em março de 2009, a classe C chegou a representar 52,52% do total, menor nível durante a crise.

Ele observou que a classe AB – renda familiar acima de R\$ 4.808 – foi o destaque em meio à crise, com crescimento de 2% em relação a dezembro de 2008. Naquele ano, ela representava 15,33% da população e, no final de 2009, já significava 15,63% do total.

A classe D – famílias com renda de R\$ 805 a R\$ 1.114



A crise impediu que a classe média crescesse e consumisse mais

– representa 13,37% da população. Na comparação com igual mês em 2008, houve avanço de 1,4%. Já a classe E – renda familiar de até R\$ 804 – encolheu 1,5% frente a dezembro de 2008. A classe de renda mais baixa significa 17,42% da população.

## Números

**Classes.** A classe C era 53,81% da população em dezembro de 2008 e 53,58% em 2009. A classe AB foi de 15,33% para 15,63% e a classe E, de 17,68% para 17,42%.

# Crise não afeta mais redução da pobreza

■ RIO. Um estudo de Marcelo Neri, da Fundação Getúlio Vargas (FGV), indica que o impacto da crise na redução da pobreza e da desigualdade já foi recuperada. Segundo ele, a piora nos quadros sociais ocorreu apenas em janeiro de 2009, três meses após o marco da crise, em 15 de setembro de 2008. Segundo ele, a partir de fevereiro, a economia já começou a se recuperar, segundo os dados sociais. “Podemos considerar que 2009 foi um empate com muitos gols. Começamos o ano sofrendo uma goleada, mas conseguimos recuperar”, avaliou Neri.

O estudo utiliza os dados mensais de emprego das seis principais regiões metropolitanas do país, coletados pelo IBGE.